

debate político e da complacência do poder, contrastando, muitas vezes, com os meios de comunicação, com o que os livros mostram, e, acima de tudo, com uma realidade complexa que está além das imagens simplistas da mídia convencional. Dentro da idéia inicial de Vet [14], espera-se que essas representações plurais possam contribuir para um discurso público mais democrático. Com a criação do roteiro, pode-se expandir, futuramente, para uma série de atlas, que pode estar disponível gratuitamente, como ferramenta que as pessoas podem usar para continuar a questionar criticamente o aparentemente objetivo.

A ação de criação de mapas subjetivos perpassa pela escolha de impressões que se têm acerca do território. A percepção da natureza dos espaços vai de encontro às experiências pessoais anteriores, e agrega sentido aos lugares: lugares de medo, lugares históricos, lugares sagrados, entre outros. Essas escolhas devem revelar a relação pessoal com a cidade, ou com o espaço geográfico em questão: a Ilha de Santa Catarina, caracterizando os olhares para espaços de inclusão, exclusão, os que apresentam dificuldades ou facilidades de acesso, os vazios, os 'invisíveis', os não-lugares etc. Sobre a subjetividade dos mapas, Bauman [15] afirma:

A cidade, como outras cidades, tem muitos habitantes, cada um com um mapa da cidade em sua cabeça. Cada mapa tem seus espaços vazios, ainda que em mapas diferentes eles se localizem em lugares diferentes. Os mapas que orientam os movimentos das várias categorias de habitantes não se superpõem, mas, para que qualquer mapa faça sentido, algumas áreas da cidade devem permanecer sem sentido. Excluir tais lugares permite que o resto brilhe e se encha de significado.

Para Gouveia [16], se pensarmos numa ordem de classificação como um mapa potencial da organização das coisas, então na ciência, como na navegação, os mapas precederam os territórios. E continua:

Acreditar que um mapa fotográfico é mais real ou próximo da realidade do que a subjetividade dos mapas e interpretações poéticas e abstratas dos artistas e escritores é o mesmo que acreditar que a terra é plana e representável a duas dimensões, que pode ser iluminada de forma homogênea em toda a sua superfície e que a representação geográfica é a única forma de representação correta. Tal como outros sistemas de representação este fornece-nos

apenas mais um ponto de vista e está imbuído de convenções, regulamentações e normas.

Todos estes significados, vale salientar, são válidos para a cultura ocidental atual, pois, conforme nos lembra Pimenta [17], na Alta Idade Média, por exemplo, eram raras as pessoas que se atreviam a sair a sós pelo campo ou pelas aldeias: "quem não manifestava pertencer a um grupo de amigos era rapidamente considerado criminoso ou louco". Ao longo da história, a partir dos descobrimentos científicos e significativas mudanças de paradigmas, desenrolou-se um longo processo. Hoje, com a imensa complexidade que possuem os territórios urbanos, podem-se encontrar referências até a 'exploradores urbanos' – pessoas que saem em busca de novos territórios e experiências dentro da própria cidade onde habitam.

Para McLuhan [18], a roupa é uma extensão da pele para guardar e distribuir nosso próprio calor, a habitação é um meio coletivo de atingir o mesmo fim. Como abrigo, a habitação é uma pele ou roupa coletiva. Nesta linha, as cidades são extensões ainda mais amplas dos órgãos corpóreos, visando a atender às necessidades dos grandes grupos. Ele complementa: para a compreensão dos meios e da tecnologia, "é necessário ter em mente que a novidade fascinante de um mecanismo ou de uma extensão de nosso corpo produz uma narcose, ou seja, um entorpecimento, na região recém-prolongada".

Sevcenko [19] critica a apropriação da cultura pelas elites dominantes, onde "dentro dos museus e centros culturais se cultua um passado sacralizado ou um presente embalado no cristal líquido da novidade. Ao redor, os serviços públicos fenecem, as possibilidades de promoção social se apagam, o espaço urbano se degrada". Neste sentido, a apropriação do espaço urbano, mesmo que sob a ótica perceptiva na forma de um atlas subjetivo, é o resgate da própria cultura humana.

Sobre os mapas

Segundo Leirias [20], o mapa é aparentemente, uma construção confiável - assim, como foi a fotografia por muitos anos - à qual é atribuído um senso de verdade, digno de